



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

PASTORAL LITÚRGICA

José Janédson de Oliveira¹

Resumo

O presente trabalho, foi realizado a partir de uma análise sobre a Pastoral Litúrgica, que a partir do Concílio Vaticano II mudou o seu modo de ser e de celebrar para que comunicasse de forma mais adequada a celebração ao Deus da vida. Este artigo tem como objetivo mostrar a liturgia como uma ação que envolva a dimensão dos sentimentos (coração) e como o aspecto da razão (cérebro), características essenciais do ser humano, celebrando na inteireza do ser. O trabalho também apresenta a Pastoral Litúrgica dentro da pastoral de conjunto, como ferramenta indispensável para a ação evangelizadora, favorecendo o serviço eclesial. A constituição conciliar, Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia, conferiu uma nova leitura sobre a ação celebrativa, para que a liturgia, como sacramento da Igreja se encontrasse novamente na vida do ser humano, gerando uma participação ativa, frutuosa e consciente nas celebrações. A Pastoral Litúrgica, com sua função de formar, animar, integrar e servir, em comunhão com os bispos responsáveis conduz a Igreja a melhor celebrar o Culto Divino. Dessa forma torna a Igreja consciente de que a liturgia é fonte e ápice da vida cristã, pois fazer liturgia já é uma ação pastoral e com celebrações bem preparadas e vivenciadas se garante o essencial, de uma celebração, que tenha a centralidade no mistério pascal de Cristo, cultivando a esperança de um mundo novo e construindo comunidades vivas e missionárias, por meios dos seus métodos pedagógicos e mistagógicos.

Palavras-Chave: Pastoral Litúrgica. Concílio Vaticano II. Celebração.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado a partir de uma análise da Pastoral litúrgica, que a partir do concílio Vaticano II mudou o seu modo de ser e atuar, garantindo a centralidade do mistério pascal de Cristo, nas celebrações litúrgicas, levando o povo de Deus à participação ativa na liturgia, para que de fato, o ser

¹ Mestrado em andamento na área de Literatura Bíblica e Teológica: Interpretações, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Possui graduação em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2002) e especialização em Metodologia e Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (2014). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática. E-mail: pjr_30@hotmail.com



humano, reunido como família de Deus, celebre a sua vida, rendendo graças e louvores ao Senhor, Deus da vida e da história.

Este artigo tem como objetivo, fazer uma investigação sobre a Pastoral litúrgica como coração e cérebro da ação celebrativa, ou seja, tornar a liturgia uma ação que envolva a dimensão dos sentimentos (coração) com o aspecto da razão (Cérebro) de modo que a liturgia seja uma celebração plena, que envolva essas duas características essenciais do ser humano em seu ser. Como também seja uma ferramenta indispensável para a ação evangelizadora. A metodologia utilizada para elaboração desse artigo foi a pesquisa bibliográfica, sendo assim uma pesquisa de caráter empírico.

Antes do Concílio Vaticano II, a celebração da missa era uma realidade que somente o padre era o ator central, ou seja, somente ele podia realizar os atos litúrgicos, enquanto que a assembleia competia acompanhar de forma não sintonizada a celebração. Esta situação gerava uma carência de compreensão e participação do conteúdo proclamado, de modo que, geralmente a assembleia não se encontrava focado no rito e no mistério.

O Concílio Vaticano II conferiu uma nova leitura sobre a ação celebrativa para que a liturgia se encontrasse novamente na vida do ser humano, de modo a tornar uma participação ativa, frutuosa e consciente.

O documento que aborda de maneira profunda a liturgia é a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre liturgia a qual aborda de forma geral a liturgia e suas características inerentes, desde a realidade de sua natureza, como fruto da redenção do ser humano, até fonte e ápice da vida da Igreja, caminhos estes que, as equipes de liturgia devem conduzir as suas ações litúrgicas para melhor exprimir a dimensão do culto divino.

Portanto, é de suma importância um estudo aprofundado sobre a Pastoral Litúrgica apresentada pelo Concilio Vaticano II, como um caminho espiritual que favoreça a formação permanente das comunidades para uma pratica celebrativa que conforme a proposta conciliar.



1 O VATICANO II

O Concílio Vaticano II operou a maior reforma litúrgica de todos os tempos, foi com certeza o sopro do Espírito Santo, vento renovador estendido a toda Igreja. O documento sobre a sagrada liturgia intitulado *Sacrossanctum Concilium* abriu novos horizontes para a vida litúrgica, frutos preciosos e visíveis do Vaticano II.²

Antes do Concílio Vaticano II, o eixo de compreensão e vivência da liturgia não se detia aos aspectos essenciais e sim, aos aspectos acidentais como: as práticas devocionais em vez do eclesial-comunitário, do mero rito, da uniformidade rígida e obrigatória das cerimônias complicadíssimas e incompreensíveis que não ajudavam a igreja a viver a liturgia como fonte de espiritualidade.

Cientes de tais deslocamentos de eixos na compreensão da vida litúrgica (que haviam se arrastados por séculos e séculos praticamente em todo segundo milênio!) depois de novos e penosos anos do movimento litúrgico, enfim, a Igreja tomou uma importante decisão pastoral: resgatar o essencial que se havia “perdido” e recoloca-lo no seu eixo central³ resgatar a centralidade do mistério pascal na celebração da liturgia, superar a visão meramente exterior e utilitarista da liturgia em favor de uma visão eminentemente teológica da mesma, resgatar a vivência e compreensão da liturgia como celebração do mistério pascal como momento histórico da salvação, com uma linguagem simbólico-sacramental de toda a liturgia pela qual o mistério de Deus comunica a seu povo a salvação pascal, que o povo por sua vez, se comunica com o mistério acolhendo a salvação e comprometendo-se com o projeto do Deus da vida, e a compreensão dos sacramentos como celebração do mistério pascal.

² Geraldo Lyrio Rocha, bispo de Colatina, resp. pela pastoral litúrgica da cnbb

³ Frei José Ariovaldo da Silva, OFM, Petrópolis – RJ



2 LITURGIA COMO AÇÃO PASTORAL

Para iniciar um assunto que aborde a liturgia como ação pastoral deve-se começar pelo significado de sua palavra, ou seja, entender o que de fato, é a liturgia. Segundo o Catecismo da Igreja Católica diz que:

A palavra 'liturgia' significa originalmente 'obra pública', 'serviço da parte do povo e em favor do povo'. Na tradição cristã, ela quer significar que O povo de Deus toma parte na 'obra de Deus'. Pela liturgia, Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra de nossa redenção (CIC, 2008, p. 158).

Como se pode perceber a Palavra liturgia tem o significado de serviço, ou obra pública, em que as pessoas que dela participam, na ótica cristã ela tem um significado mais profundo, que é justamente a participação na obra de Deus Pai, na qual Nosso Senhor Jesus Cristo continua operando na Igreja a redenção do mundo.

Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, deseja que, todos os seres humanos tenham condições de poder chegar ao conhecimento pleno da verdade e para isso usou de muitas formas para expressá-lo na história: falando por meio dos profetas, chegando o momento, envia o seu Filho, Ungido do Espírito Santo com a missão de proclamar a Boa-Nova para os pobres, para os humilhados de coração. A sua humanidade unida ao Espírito Santo foi objeto de salvação humana, em que deste modo, o Filho de Deus realizou de modo pleno a reconciliação e o culto divino (SC, 2008).

Pela liturgia celebrada na terra, participa o homem e a mulher de uma antecipação da liturgia do céu, caminho para o qual os peregrinos na fé hão de chegar encontrando Nosso Senhor Jesus Cristo, sentado a direita de Deus Pai, sendo o ministro do santuário e o verdadeiro Tabernáculo. Por meio da liturgia cantam-se hinos de louvor e glória em comunhão com o exército do céu e com todos os santos que participam dessa realidade divina. (SC, 2008).



2.1 Pastoral Litúrgica: coração e cérebro

As luzes apontadas pelo Concílio Vaticano II foram sinais dos desígnios providenciais de Deus sobre nossa época, e para melhor favorecer essa formação litúrgica na Igreja, a *Sacrossanto Concilium* determina a formação da pastoral litúrgica na Igreja, uma comissão litúrgica assistida por homens peritos em ciência litúrgica, música sacra e pastoral (cf. SC 44). Formar comissões nacionais de liturgia, comissões diocesanas em cada diocese para promover ação litúrgica sob a orientação do bispo, podendo ser também uma pastoral de várias dioceses promovendo o apostolado litúrgico.

Percebe-se esperança também pelos encontros nacionais de liturgia promovidos pela linha 4 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - 1963, a fundação de faculdades de liturgia composto por equipe de liturgistas, semanas de liturgia para agentes de pastoral em geral, congressos de ciências de pastoral litúrgica, o desenvolvimento no campo da formação litúrgica através do laboratório litúrgico, e sobretudo a sede e a vontade que o povo tem para com a liturgia, querendo saber mais e se formar para melhor servir. Isso ainda como pequenos passos que precisam ser melhorados e continuados priorizando a pastoral litúrgica e sua respectiva formação integrando-a na pastoral de conjunto.

Foram quase cinco séculos nos moldes medievais e pós-tridentinos, e isso é que provocou muitas dificuldades na formação proposta pela reforma litúrgica do Vaticano II, porém em meio a tantas dificuldades, ainda há esperança com alguns sinais que conseguimos perceber como: os livros litúrgicos romanos que foram sendo revistos e publicados em suas edições típicas, tais como; o missal romano, a oração eucarística V, feita especialmente para ser usada no Brasil, a ofício divino das comunidades, com melodias inculturadas dos salmos, rituais e outros que ajudam neste caminhar litúrgico da reforma do vaticano II. O concílio já prevê esta novidade, a liturgia não somente como momento orante, mas como fonte e cume de toda a espiritualidade cristã. (cf. SC 10).



2.2 A Pastoral Litúrgica dentro na Pastoral de Conjunto

Por Pastoral de Conjunto se entende a ação conjunta de todas as pastorais da Igreja com o intuito de fornecer um trabalho integrado a todo o Povo de Deus em que, se favoreça o serviço eclesial, conferindo uma plena ação de envolvimento, de forma que se realize uma articulação em sintonia com as necessidades de cada pastoral, dando suporte uma as outras, melhorando a conjuntura pastoral da Igreja.

O pensamento de articulação dessa pastoral de conjunto se deu no momento posterior ao Concílio Vaticano II, em que todas as conferências dos bispos foram convidadas a adaptarem esse tipo de pastoral ao seu contexto. O continente latino americano foi um dos primeiros a trabalhar nessa perspectiva. O grande motivador para que se buscasse trabalhar de forma plena esse tipo de pastoral foi o saudoso Papa João XIII, o qual impulsionou essa ação na Igreja universal.

Neste sentido, pode-se dizer que o programa de pastoral da Igreja começou:

Atendendo a um pedido de João XXIII e no espírito do Concílio Vaticano II, a Assembleia da CNBB, em abril de 1962, aprovou um conjunto de medidas pastorais que foi chamado Plano de Emergência. Vigorou de 1963 a 1965. Seguiu-se o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC, de 1966 a 1970). Ele tinha duas partes: Diretrizes e programação. As Diretrizes eram expressas em um objetivo geral e em seis grandes linhas de ação. O plano tinha programas com prioridades, com objetivos específicos e com projetos. Essas Diretrizes foram prorrogadas em 1970 e reformuladas em 1975. De 1975 em diante, não foram mais traçados planos de pastoral, com uma parte de Diretrizes e outra de programas e projetos para a Igreja no Brasil, mas só Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, ficando os planos para os níveis regional, diocesano e paroquial. Em 1995, as Diretrizes tiveram uma alteração no nome. Passaram a ser Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. A peculiaridade acentua a preocupação de tornar a pastoral mais evangelizadora (PLANO DIOCESANO DA AÇÃO EVANGELIZADORA, 2008, p. 13).

Neste contexto, se pode perceber que, a pastoral de conjunto tem como meta dinamizar a ação eclesial no que toca a evangelização para o povo de Deus, no sentido *intra Eclésia* (dentro da Igreja). Entretanto, com o passar do tempo viu-se que era necessário fazer uma atividade evangelizadora também para o ambiente



social, em que estavam presentes a maioria do povo de Deus que necessitava de uma ação pastoral *extra Eclésia* (fora da Igreja), ou seja, de ir ao encontro das pessoas que estão em situação de afastamento do âmbito eclesial, resgatando este para o convívio na Igreja.

Atualmente, um dos maiores desafios para as nossas pastorais seja de fato assumir o Vaticano II e a aplicação da sua reforma litúrgica – “Convém que pela autoridade territorial eclesiástica, uma comissão litúrgica, assistida por homens peritos em ciência litúrgica, música sacra e pastoral. [...] orientar na sua região ação pastoral litúrgica [...]”⁴. Em sua carta apostólica sobre o grande jubileu do ano 2000, o Papa João Paulo II propõe uma séria revisão de vida pessoal e eclesial: “O exame de consciência não pode deixar também a recepção do concílio, este grande dom do espírito feito à Igreja, quase ao findar o segundo milênio [...] É vivida a liturgia como fonte e cume da vida eclesial?” Pergunta o papa (TMA 36) com muita propriedade.

Diz a conferência do episcopado latino americano realizado em Santo Domingo “Ainda não se alcançou à plena consciência do que significa a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida eclesial” (cf. SD 43). Falta ainda a necessária ligação entre fé e vida, a questão dos ministérios, a relação entre liturgia e catequese, e com outras pastorais que caminham muitas vezes com indiferença à liturgia. Isso causa consequências negativas com relação a uma pastoral fundamentada na fé dos primeiros cristãos; e nas comunidades, falta a convicção de que a centralidade da vida da comunidade é a Eucaristia e a consciência de que a vida da Igreja é a liturgia celebrando a fé e a vida.

É preciso resgatar o valor e o sentido do ano litúrgico valorizando a consciência antropológica da liturgia envolvendo a vida de toda a comunidade paroquial e da diocese que estejam voltados para o mistério pascal., e a base essencial de tudo isso é sem dúvida a pastoral litúrgica como coração e cérebro por uma formação mais viva e eficaz.

⁴ Compêndio Vaticano II, Sacrossanctum concilium, 44



3 OS CAMINHOS E FUNÇÕES DO SETOR LITURGIA

Neste item não se tem a intenção de abordar de forma profunda toda a dimensão da reforma litúrgica no Concílio Vaticano II, mas sim, focar algumas das principais orientações referentes à reforma. De forma a ser abordada de modo sintético, as mudanças e orientações mais significativas.

Esta é a afirmação que os bispos reunidos no Concílio dão com relação a reforma da liturgia:

A santa mãe Igreja, para permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados (SC, 2008, p. 6).

Pode-se observar que o grande motivo da reforma litúrgica no Concílio Vaticano II, foi justamente inseri-la de forma mais plena no contexto de vida do homem e da mulher dos tempos modernos, a fim de que se entendesse e absorvesse melhor os conteúdos celebrativos realizados. Deste modo, a liturgia seria não somente o coração, mas também o cérebro da ação litúrgica, em que une duas dimensões essenciais da personalidade humana o sentimento (coração) e a razão (cérebro).

Os parágrafos a seguir mostram como deve ser feita a reforma por pessoas competentes do assunto:

§ 1. Regular a sagrada Liturgia compete unicamente à autoridade da Igreja, a qual reside na Sé Apostólica e, segundo as normas do direito, no Bispo.

§ 2. Em virtude do poder concedido pelo direito, pertence também às competentes assembleias episcopais territoriais de vários gêneros legitimamente constituídas regular, dentro dos limites estabelecidos, a Liturgia.



§ 3. Por isso, ninguém mais, mesmo que seja sacerdote, ouse, por sua iniciativa, acrescentar, suprimir ou mudar seja o que for em matéria litúrgica (SC, 2008, p. 6).

Notadamente pode-se perceber alguns apontamentos concernentes a reforma da liturgia. No primeiro parágrafo observa-se que há uma solicitação de que a regularização da liturgia esteja sobre a tutela de uma autoridade eclesial, que esteja em comunhão com a sé apostólica, ou seja, o bispo diocesano é primeiro responsável pela liturgia em âmbito local.

O segundo parágrafo está em sintonia com o primeiro, de forma que, estabelece que as assembleias dos bispos legitimamente constituídas de várias espécies, são responsáveis pela liturgia dentro dos limites determinados. No terceiro parágrafo se observa que a mais nenhuma pessoa, mesmo o padre tem a autoridade de sugerir um acréscimo ou adaptação dentro da liturgia.

A *Sacrosanctum Concilium* recomenda ainda que seja realizada uma atividade prudente, que tenha por intuito, preservar a sagrada tradição e ao mesmo tempo, conferir condições para o progresso, por meio de uma profunda investigação histórica, teológica e pastoral acerca da dimensão da liturgia, que deve ser revista. Como recomenda a observação das leis gerais da estrutura do pensamento litúrgico, e evitar grandes diferenças no rito a não ser por verdadeira necessidade pastoral exigida pela Igreja (SC, 2008).

Promover a ação litúrgica já é uma ação pastoral (doc. 43 ,196) base daquilo que se convencionou chamar de dimensão litúrgica pesando sobre este setor muitas responsabilidades e atividades dentro da sede da CNBB, nos regionais e dioceses e centros de formação litúrgica, com as principais funções:

- Acompanhar a organização e animação da pastoral litúrgica nos regionais e dioceses;
- Cuidar da preparação e animação das celebrações dos principais eventos promovidos pela CNBB: assembleias gerais reuniões do conselho permanente e da comissão episcopal de pastoral, festas e comemorações especiais;



- Acompanhar e articular o processo de tradução, revisão, atualização e elaboração dos textos litúrgicos; estão em pauta: ritual de exéquias, ritual de exorcismo, a tradução da terceira edição típica do missal romano;
- Assessoria global à pastoral litúrgica. A animação da vida litúrgica, exige a criação de um grupo de liturgistas, para assessorar a pastoral litúrgica da Igreja do Brasil; e ainda, oferecer subsídios ante os desafios levantados pelos agentes de pastoral.
- Garantir a resposta ou encaminhamento às solicitações que chegaram ao setor: dúvidas, perguntas, consultas, desacertos entre párocos e equipes de liturgia;
- Zelar pelo arquivo e serviço de documentação da liturgia (relatórios, artigos, revistas, livros, vídeos, fotos, caminhada do dia a dia).

3.1 Dinamizar o processo de formação

Investir com crescente intensidade na formação litúrgica em todos os níveis e aumentar o número de pessoas especializadas e preparadas, buscar uma sadia formação litúrgica que se encarne profundamente no catolicismo popular como realidade cultural tipicamente nossa com reconhecidos valores profundamente cristãos, tais como: solidariedade, hospitalidade, piedade, capacidade de resistência aos contratempos da vida, gosto pela festa, espírito orante, jovial, alegre e etc.

Acabar com a improvisação que vemos como marca registrada, quase todos os domingos, em muitas das nossas celebrações não podemos admitir que milhares e milhares de pessoas que frequentam nossas liturgias sintam-se aliviadas com o final da missa, porque se veem livres de tanta improvisação. (PUEBLA, 444).

Ela tem como objetivo final formar a comunidade diocesana e paroquial numa comunidade verdadeira de culto, despertada ao mistério de Cristo, através da autêntica vivência da liturgia.



Retomar a centralidade do mistério pascal, com a recuperação do ano litúrgico como caminho pedagógico, pastoral-espiritual, para que seja um instrumento litúrgico-pastoral catequético, e articular-se com outras pastorais, especialmente a bíblico-catequética a nível regional, diocesano e paroquial.

3.1.1 Subseção 1 - Formação quanto ao espaço celebrativo

Na arquitetura, a igreja-espaço é a imagem da Igreja Viva ou será só um monumento feito por um arquiteto ou grupo de pessoas. A escultura, a pintura, a música existirá como parte da ação litúrgica ou serão idolatria e ideologia, frutos de interesses particulares. Uma arte desenraizada só contribuirá negativamente para a formação dos fiéis. (PASTROS, 2004).

A *Sacrosanctum Concilium* orienta que em cada diocese exista uma comissão de arte sacra com conhecimento e experiência técnica e espiritual com a função de zelar pela mistagogia do espaço favorecendo a arte de celebrar.

3.1.2 Subseção 2 - Formação quanto a música litúrgica

O canto tem um papel peculiar na liturgia em que, por uma reivindicação deste como parte componente da liturgia, deve ser a expressão da fé, da vida e da fé cristã, da comunidade (CNBB, DOC. 07, 1989).

Ao referenciar a importância do canto os documentos colocam a sua função dentro da dimensão litúrgica⁵:

- Pelo canto a oração se exprime com mais suavidade;
- Mais claramente se manifestam o ministério da liturgia sua índole hierárquica e comunitária;
- Mais profundamente se atinge a unidade dos corações pela unidade das vozes;

⁵ O texto a seguir segue literalmente o DOC. 07 da CNBB, 1976, p. 4.



- Mais facilmente se elevam almas pelo esplendor das coisas santas até das unidades supraterras;
- Enfim, toda a celebração prefigura aquela efetuada na celestial Jerusalém.

Neste contexto, se pode perceber que o canto tem todo um foco dentro da celebração litúrgica, principalmente pela característica orante, como pelo aspecto de unidade que conferem a assembleia reunida, e mais ainda pela dimensão da participação da assembleia orante no clima da celebração.

A equipe de liturgia deste modo deve ter a responsabilidade de proporcionar essa participação mais efetiva da comunidade na liturgia por meio do canto, em que desta maneira, se deve escolher aqueles que sejam mais conhecidos da assembleia para que esta possa acompanhar, tomando parte ativa na celebração claro, que seguindo o tempo litúrgico celebrado pela Igreja.

A música então mantém um vínculo com a liturgia de modo que está centrada nesta:

A música assim está em íntima ligação com a liturgia, dela depende e a ela serve. Este serviço que a constituição conciliar chamou de '**FUNÇÃO MINISTERIAL**', como 'feliz interpretação daquilo que a liturgia concebe (SC,112; MS 6), isto é, ser louvor de Deus em linguagem da comunidade em oração requer, certas normas que a música deve fazer suas, para atingir a função sacral' (Paulo VI, discurso de 4/11/1967) e para 'corresponder à finalidade da liturgia (o todo), da qual esta música é parte integrante e necessária [...] (CNBB, DOC. 07, 1976, p. 4).

Nota-se pela música citação que a música e liturgia estão conectadas de forma inseparável, e que uma completa a outra no tocante a sua execução e eficiência no ato celebrativo. A música pode ainda, conferir um caráter didático a liturgia, de forma a contribuir para o seu melhor entendimento.

Entretanto, se faz importante dizer que a música não deve ser o fim do ato litúrgico, mas, um meio pelo qual, se possa sentir melhor o ato litúrgico, aproveitando dele o máximo de seu ponto musical e sua expressão do sagrado para o homem e mulher. É por este caminho que se deve proporcionar a música um lugar essencial na liturgia.



Neste sentido, a CNBB afirma que a música é:

[...] uma linguagem privilegiada que exprime e manifesta a alma e a cultura de um povo; para a liturgia ser autêntica e a participação ser profunda, deve-se usar linguagem musical que melhor expresse a fé e a oração do povo orante por princípio 'a Igreja aprova e admite no culto divino todas as formas de verdadeira arte dotadas das devidas qualidades' (SC,112), e 'favorecer por todos os meios o canto do povo, mesmo sob novas formas adaptadas ao caráter de cada povo e à mentalidade de hoje... No entanto é preciso reconhecer que todos os gêneros de cantos ou de instrumentos não são igualmente aptos a sustentar a oração e exprimir o mistério de Cristo' (CONGREGAÇÃO CULTO DIVINO *apud* CNBB, DOC. 07, 1976, p. 5).

Como se pode perceber a música encontra um lugar propício na pastoral litúrgica, principalmente pelo fato de se conferir uma dinamização, em que, se pode expressar a celebração do culto divino encarnado em uma cultura própria, proporcionando uma identificação a essa cultura dentro do mistério celebrado. A Igreja, nesse caso aprova as formas de expressão musicais que estejam dentro do espírito litúrgico.

3.2 Inculturação

Na liturgia, sobretudo na liturgia dos sacramentos, existe uma parte imutável - por ser de instituição divina -, da qual a Igreja é guardiã, e há partes suscetíveis de mudança, que ela tem o poder e, algumas vezes, até o dever de adaptar às culturas dos povos recentemente evangelizados. (CIC, 1993, § 1205).

- Inculturação da liturgia nos meios afro-brasileiros. Cresce a realização e o desejo de celebração e participação como povo afro-brasileiro. A continuação da reflexão sobre as práticas celebrativas a partir dos elementos afro-brasileiros para alimentar o processo da inculturação da liturgia e o diálogo com as culturas de cunho africano, são fundamentais para o amadurecimento e vivência.
- Inculturação da liturgia nos meios indígenas. Com a realização da CF-2002 sobre a temática dos povos indígenas, a dimensão litúrgica sente-se ainda



mais desafiada a dar continuidade ao diálogo e à partilha com as culturas e ritos indígenas, na perspectiva da inculturação e recuperação dos valores humanos, éticos e religiosos dos povos indígenas.

- Liturgia e cultura urbana, o rápido processo de urbanização vivido pelo Brasil traz muitas mudanças para a vida comunitária. É urgente para enfrentar o desafio da inculturação nas cidades, com sua cultura própria e expressões de comunicação religiosa diferentes do mundo rural.⁶

Todas essas funções devem ser desempenhadas em comunhão com os Bispos responsáveis pela liturgia dos regionais que se encontram duas vezes por ano: durante a assembleia da CNBB, e no mês de outubro ou novembro; para a reunião do fim do ano são convidados também os coordenadores regionais da pastoral litúrgica.

3.3 Participação ativa e frutuosa

Uma celebração participativa garante e resgata o essencial da liturgia, tão querido pela “Sacrosanctum Concilium” e pelas comunidades cristãs do primeiro milênio, sem ferir e muito menos destruir nossas centenárias tradições culturais, promovendo uma mútua fecundação entre liturgia e religiosidade popular” (cf PUEBLA, 465).

É preciso despertar a consciência de levar os fiéis a compreenderem o significado do que se celebra e as motivações para a participação ativa, consciente e frutuosa do povo na liturgia que Deus se revela mais intensamente e manifesta a sua glória, para que a comunidade glorifique o Senhor e celebre sua participação no mistério pascal de Cristo.

Na celebração a santificação dos homens e das mulheres, cultiva a esperança de um mundo novo onde haja respeito à liberdade para que chegue o dia

⁶Pe. Marcelino Svinski, assessor do setor liturgia da CNBB, apontamentos pró memória.



em que tenham mesas fartas de pão e haja vida e abundância para todos, animando, integrando e servindo ao Senhor, à vida e à celebração.

3.4 Construir comunidades vivas e missionárias

A pastoral litúrgica com o seu atuar, tem como finalidade última à construção e o crescimento de comunidades verdadeiramente organizadas e missionárias que busquem cada dia a força da oração na palavra de Deus despertada na celebração do mistério pascal de Cristo através de uma autêntica vivência da liturgia levando em consideração a sua base de estrutura que é a própria cultura, já que através dela gera-se vida nas comunidades.

As celebrações semanais e dominicais motivam sempre as comunidades e diversos grupos de base, tudo com vida quando todo o povo se reúne para celebrar a palavra de Deus e a Eucaristia de um modo muito vivo e original levando em conta a forma pela qual se celebra. E o grande destaque, é a vivência profunda da fé e vida de uma maneira muito simples, o mistério pascal celebrado na liturgia une sua morte e ressurreição, ao mistério de seu rebaixamento e elevação que são vividos no dia a dia tanto individual como comunitariamente.

É o Cristo que continua sofrendo e morrendo na vida das comunidades, e sempre aponta caminhos de vida e esperança, a ressurreição, a páscoa atualizada na vida das comunidades formando uma só coisa, daí a expressão usada no documento 43 da CNBB, no item 30º: “páscoa de Cristo na páscoa da gente e a páscoa da gente na páscoa de Cristo”.

A participação da comunidade na liturgia nos cantos, na partilha da palavra de Deus, na acolhida aos irmos e irmãs, nas ações e ações simbólicas, na celebração a partir da sua realidade, gera unidade e aumenta o compromisso com o reino de Deus levando a uma ação missionária, sementes de uma igreja toda ela ministerial, que expressa suas vidas suas preocupações, esperanças e



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

281

organização., sua identificação com o mistério de Cristo - o mistério da fé!-, vivida no dia-a-dia.

4 CAMINHO PEDAGÓGICO E ESPIRITUAL

Nas celebrações litúrgicas no decorrer do ano é revelado todo mistério de Cristo, desde a encarnação e natividade até a ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor (cf SC 102). Na atual organização do ano litúrgico na Igreja Católica Romana, distinguimos o ciclo do natal, o ciclo da páscoa e o tempo comum. Neste último se destacam os 33 ou 34 domingos, com textos bíblicos repartidos em 3 anos (A, B, C). Além disso, temos o ciclo das festas do Senhor durante o tempo comum e o ciclo das testemunhas do mistério pascal (Maria, Apóstolos e Evangelistas, e outros Santos e santas).

A celebração destes vários mistérios evoca vários “aspectos” (lados, ângulos, faces) do último mistério de Cristo, trazendo-os presentes no hoje de nossa história - nos permite participar dos mesmos, para que sejamos penetrados por eles e repletos da graça da salvação (cf. SC 102).

O ano litúrgico é o eixo no qual a pastoral litúrgica vai estruturando a sua vida espiritual, durante todo o ano, percorre-se o mistério pascal: passando pela esfera ardente do advento da definitiva vinda do Senhor, a divinização pela encarnação e manifestação do filho de Deus em nossa humanidade celebrada no Natal e na epifania; o deserto da quaresma; a paixão da cruz e a vitória da ressurreição, o fogo do Pentecostes; e a lenta e perseverante identificação com o Cristo ao longo do tempo comum. Com atenção ao que se vive celebrando cada tempo ou festa do tempo litúrgico revela, realça, manifesta, nomeia as experiências pascais reforça a espiritualidade e a vida pessoal, social e comunitária de cada pessoa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho oportunizou a aquisição de conhecimentos referentes à pastoral litúrgica, que se configuram como conclusões do presente artigo em que se pode ponderar que:

Tornou-se evidente que a *Sacrosanctum Concilium* é o documento por excelência da liturgia, em que se faz uma análise da natureza da liturgia como fruto, que conduz o ser humano para a Redenção divina. Este documento sugere, que a liturgia seja uma ação celebrativa do culto divino e que esteja na linha da tradição cristã.

Apreendeu-se que a ação liturgia não se encerra no âmbito eclesial, antes ela deve atingir toda a sociedade, conferindo um aspecto de renovação da fé a todos os cristãos. Este documento recomenda ainda que sejam realizadas adaptações com vista a inserir a cultura local no ato celebrativo, como forma de proporcionar identificação e compreensão ao Povo de Deus, mas que essa ação seja feita com cautela, obedecendo as normas litúrgicas vigentes.

Foi perceptível que a pastoral de conjunto é uma ação integrada da liturgia com as demais pastorais a fim de propiciar uma ação evangelizadora de maior alcance para as pessoas. Essas pastorais que por sua característica trabalham vinculadas a liturgia recebem um apoio da liturgia em que se pode constatar um complemento recíproco, pois, a liturgia ajuda aos membros de outras pastorais a exercerem melhor a sua função, justamente por fazerem parte das equipes de celebração que executam os vários ministérios da pastoral litúrgica.

Ficou evidente que as equipes de celebração da liturgia são as pessoas responsáveis pela realização da liturgia, de modo que são o coração e o cérebro do ato celebrativo. A responsabilidade dessas pessoas é grande, pois, elas têm, o papel de realizar a ligação do povo de Deus, com o criador por meio da liturgia, alimentando a fé, proporcionando entendimento, fazendo com que as pessoas celebrem de fato de “corpo e alma” (grifo nosso), realizando um culto em espírito e



verdade levando a sério as dimensões da formação, do canto e dos espaços celebrativos.

A elaboração desse artigo conferiu para o autor um conhecimento mais profundo da liturgia em seu caráter celebrativo e sacramental, como da importância de se organizar bem para poder festejar a maior celebração que o ser humano pode realizar que é o culto ao Deus Altíssimo e Libertador. No entanto, reconhece que, o trabalho desenvolvido não cessa a investigação sobre a liturgia, de modo que, se deve realizar novos estudos para ampliar o conhecimento sobre o tema, liturgia como Pastoral.

Portanto, é dever dos que se dedicam ao estudo da Teologia aprofundar o tema da liturgia para que se tenha novas abordagens, novos estudos, com o intuito de contribuir para uma ampla investigação do fenômeno litúrgico, conferindo uma base para o entendimento desta ação na vida da Igreja e do povo de Deus reunido como família no seu amor e no seu Reino de libertação, justiça e paz.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BUSTY, Ione. **A missa, memória de Jesus no coração da vida**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <<http://www.4shared.com>> acesso em 17 out 2019.

CNBB. **Animação da Vida Litúrgica no Brasil**. Doc. 43, Disponível em: <http://www.4shared.com> acesso em 01 jul 2011.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010**. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CNBB. **Pastoral da Música Litúrgica**. Doc. 07, Disponível em: <<http://www.4shared.com>> acesso em 01 jul 2011.

PASTRO, Cláudio: **Arte Sacra**. São Paulo: Paulinas, 2001.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

284

ROCHA, Geraldo Lyrio. Bispo de Colatina, resp. pela pastoral litúrgica da CNBB, Apontamentos pró-memória.

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Plano Diocesano da Ação Evangelizadora 2009-2011 Disponível em: http://www.diocesedeerexim.org.br/arquivos/...diocese/voz_diocese_130408.pdf. Acesso em 02 jun 2011.

SILVA, Frei José Ariovaldo da, OFM. **Apontamentos pró-memória**. Petrópolis – RJ.

SVINSKI, Marcelino Pe. Assessor do setor liturgia da CNBB, **apontamentos pró-memória**.

VALE, Serginho do Pe., scj. **Pastoral litúrgica, uma proposta, um caminho**. Edições Loyola.

VATICANO II, Concílio Ecumênico. Constituição Conciliar **Sacrosanctum Concilium** sobre liturgia. Disponível em: <<http://www.4shared.com>> acesso em 01 jul 2011.

